

Como a alta do diesel emperra a economia

COMBUSTÍVEIS

Frete em alta e encarecimento dos insumos pressionam agricultores mineiros, que reduzem área plantada, suspendem contratações e fazem as contas para repassar parte dos custos



O serviço de transporte até a Cessa teve reajustes de até 50%, segundo produtores rurais. Inflação do diesel este ano está em 28,4%



“OS PREÇOS TÊM VARIAÇÃO DIARIAMENTE E CHEGAM AO CONSUMIDOR MUITO MAIS ALTOS”
Moacir Júnior de Carvalho, produtor rural em São Gotardo

“JAMAIS ALGO SEMELHANTE”

Roger Dias

O caminho que ultrapassa os 600 quilômetros de Jaíba, no Norte de Minas, até Belo Horizonte se tornou ainda mais árduo diante dos constantes aumentos no preço do diesel. O longo chão a percorrer é um empecilho para quem trabalha diariamente no campo. Para transportar a colheita de bananas caturra e prata até a Cessa Minas, na Região Metropolitana de BH, o produtor rural Valmir Marques dos Santos, de 48 anos, viu o preço do frete disparar nos últimos dias, o que reduziu gradativamente sua margem de lucro com a produção.

O drama vivido por Valmir é o mesmo de outros agricultores que dependem de transporte para escoar os hortifrutigranjeiros até a venda. Os fretes para quem desloca a colheita até o Cessa tiveram reajustes entre 40% e 50%. De acordo com a pesquisa do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), do

IBGE, a inflação do diesel no ano atingiu o patamar de 28,4%. Nos últimos 12 meses, o combustível já acumulou alta de 52%. Na esteira do diesel, o preço dos demais gastos na agricultura, como adubo, fertilizantes e venenos para pragas, também se acentuaram, com altas de até 120% no mercado, em razão do conflito entre Ucrânia e Rússia.

Até o ano passado, Valmir pagava em torno de R\$ 2 mil para trazer em torno de 600 caixas de bananas até a capital. Hoje, o custo gira em torno de R\$ 2,8 mil. Na semana que vem, nos disseram que ele vai aumentar para R\$ 3 mil. Está muito difícil. Por isso, vejo muitos produtores desistirem de trabalhar”, lamenta o produtor. “O diesel subiu muito, mas nunca conseguimos repassar essa perda para o cliente. Nosso ganho depende muito da oferta do produto. E o salário da população não aumentou muito. Por isso, não podemos contar com o lucro como era antes”, afirma.

TERCEIRIZADO Outro agricultor que também desloca a colheita de Jaíba até o Cessa é Eufrásio Aparecido dos Santos, de 48, que dedicou boa parte da sua vida na produção de mamão, maracujá, limão, quiabo, manga e mandioca. Além de usar seu próprio caminhão, ele gasta com frete terceirizado em torno de R\$ 4 mil para transportar os produtos a cada viagem.

Semanalmente, o custo gira em torno de R\$ 12 mil. Uma das alternativas para vencer o aumento do óleo diesel é tentar arrecadar mais com a produção, o que reduz o número de hectares plantados. “Atualmente, o que mais pesa para nós são os combustíveis e os insumos. Isso encarece demais a produção e inviabiliza o trabalho. Por isso, acabamos reduzindo a área plantada. Eu reduzo um pouco, outros fazem o mesmo e só assim conseguimos”.

Em vez de contratar mais funcionários, Eufrásio trabalha com a família. O pai do agricultor, Walter Paulo dos Santos, de 77, foi o precursor das atividades no campo e hoje a influência é passada ao filho, Pablo Santos, de 20. “São muitos anos trabalhando na terra e jamais vi algo semelhante. O homem do campo nunca passou por tamanha dificuldade para sustentar o negócio”, diz Walter.

Natural de Bom Repouso, no Sul de Minas, Sebastião Ribeiro de Alcântara, de 72, não se lembra de pagar um transporte tão caro como nos dias atuais. Ele dedicou mais de meio século de vida na plantação de batatas na região de Três Corações e hoje desmembra R\$ 3 mil para descolar a colheita até BH. O preço da batata no mercado caiu e o saco é vendido a R\$ 30.

“Era hora de ganharmos dinheiro, mas tudo tem subido. Aquel dinheiro que você ia receber a mais serve para pagar esses aumentos no preço do frete. Não compensa ter seu próprio transporte, porque teria de pagar empregado para dirigi-lo, o que fica

mais caro”, diz. Há quem optou por comprar um caminhão para transportar os produtos da lavoura até os postos de venda, mas quem também lida com a mesma dificuldade.

“INFELIZMENTE, O CUSTO TEM DE SER REPASSADO”

Moacir Júnior de Carvalho, de 30 anos, que transporta cenouras vindas diretamente de São Gotardo, no Alto Paraíba, lamenta que a alta dos combustíveis prejudica quem produz e o consumidor final: “A inflação prejudica muito o comércio, pois o vendedor fica numa situação de difícil acesso à mercadoria. Os preços têm diariamente variação, sofrem altas, e chegam ao consumidor muito mais altos”.

O gasto para levar a colheita no caminhão é acima de R\$ 2,5 mil, dos quais 13% são acrescidos ao valor vendido no mercado. Apesar disso, ele diz que o cenário é de muita luta para evitar prejuízos maiores. “Infelizmente, o custo tem de ser repassado. Quando o produto chega com grande oferta no mercado, o produtor tem de assumir esse repasse, pelo fato de o custo do transporte ser muito alto”, afirma.

Arthur Linhares Pinto, de 59 anos, cuja fazenda fica em Nova União, a 80 quilômetros da capital, diz que o total de combustível gasto inserido no preço da colheita das mexericas gira em torno de 10% a 12%.

Com mais de 40 anos de trabalho, ele acredita que o período pós-pandemia foi muito ruim para quem vive no campo: “Temos que morrer nesse preço de custo. A mercadoria sobe no mercado, mas não podemos lucrar mais. O mercado consumidor tem, mas o problema é que o poder aquisitivo do povo é pequeno”. Arthur Linhares diz que, na situação atual, é muito difícil continuar a produção: “Já penso em parar. A idade está chegando e os prejuízos são muito grandes”.



“NÃO COMPENSA TER O PRÓPRIO TRANSPORTE, PORQUE TERIA DE PAGAR EMPREGADO PARA DIRIGIR”
Sebastião Ribeiro de Alcântara, produtor rural em Bom Repouso



“O HOMEM DO CAMPO NUNCA PASSOU POR TAMBANH DIFICULDADE PARA SUSTENTAR O NEGÓCIO”
Walter dos Santos (E), produtor em Jaboa



“ESTÁ MUITO DIFÍCIL. POR ISSO, VEJO MUITOS PRODUTORES DESISTIREM DE TRABALHAR”
Valmir Marques dos Santos, produtor rural em Jaíba

À espera do efeito da redução do ICMS

Entidade que representa os produtores de Minas, a Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg) vê com grande expectativa a questão do Projeto de Lei 18/2022, sancionado pelo presi-

dente Jair Bolsonaro (PL), que limita a aplicação de alíquotas de ICMS para combustíveis, gás natural, energia elétrica, comunicações e transporte coletivo. A entidade considera que a medida pode representar redução

importante nos custos para o produtor.

“É uma expectativa importante que precisa ser considerada e pode trazer um alento na questão do ICMS, o que beneficiaria os produtores na questão dos combustíveis. Já houve queda de 0,64% no IPCA-15 relacionado aos itens transportes, mas temos que acompanhar como vai fechar a inflação, dentro de uma perspectiva de desdobramento do projeto de lei, para ver se haverá redução para as refinarias e também para os consumidores”, ressalta a assessora econômica da Faemg, Aline Veloso.

De acordo com ela, a Faemg vem orientando os produtores sobre a melhor forma de cortar custos nas propriedades rurais, compensando as perdas pelo reajuste dos combustíveis.

“Hoje, vários produtores usam o diesel como insumo em suas propriedades e também no transporte. Qualquer reajuste fora do controle do produtor rural impacta na questão de custos. Nossa orientação é para que ele apure seus custos de produção para que obtenha a máxima eficiência em sua atividade. Infelizmente, este controle não está nas mãos”, comenta. (RD)

COMBUSTÍVEIS

Alta nos postos representa maior impacto para moradores de cidades mais pobres de Minas do que para os que vivem em municípios com Índice de Desenvolvimento Humano maior, como Nova Lima

Quem pode menos paga mais



“

Sempre que a gente vende uma mercadoria, não consegue mais comprar a reposição pelo mesmo preço. Estou desanimada de continuar trabalhando”

■ Maria Aláide Veríssimo, dona de comércio em Botumirim



“

O reajuste dos combustíveis eleva o custo de vida. As pessoas passam a comprar somente os produtos de primeira necessidade, deixando de comprar outras coisas, como roupas”

■ Hérviro Moreira dos Santos, dono de loja de roupas

Moradores de cidades mineiras mais pobres e isoladas, como no Norte e no Vale do Jequitinhonha, estão sofrendo impacto maior da disparada dos preços dos combustíveis do que os que vivem em municípios mais ricos, como Nova Lima, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, que tem o maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), de 0,813. Não são apenas os consumidores os afetados, mas o comércio também sofre, prejudicando a economia local.

Nessas localidades, até o serviço de entrega de mercadorias na zona rural, que chegam a até 45 quilômetros de distância, está sendo restringido por alguns comerciantes para evitar mais prejuízos. Os custos elevados dos derivados de petróleo somam-se às dificuldades de circular por estradas mal conservadas. Com o último reajuste dos combustíveis autorizado pela Petrobras, em algumas cidades o óleo diesel custa mais que a gasolina. Em São João das Missões, município com o mais baixo IDH do estado (0,529), o diesel está sendo comercializado a R\$ 8,19 o litro. A gasolina, R\$ 8,09. Por lá, os preços são mais elevados que os praticados em Nova Lima, onde, na última semana, o litro da gasolina variou entre R\$ 7,65 e R\$ 7,79. Já o diesel é vendido a R\$ 7,65, segundo pesquisa da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP).

Proprietário de uma loja de produtos veterinários e rações em São João das Missões, Dario Mardônio Soares de Brito disse que a situação ficou complicada. “Nossa margem de lucro diminuiu. O valor do frete aumentou muito e não temos como repassar esse custo para os consumidores, pois a região é carente e as pessoas não podem pagar. Se aumentarmos os preços das mercadorias, a gente não consegue vender”, afirmou.

“O aumento de preços dos combustíveis acarreta o reajuste todas as mercadorias. As pessoas de baixo poder aquisitivo passam a comprar somente aquilo que consideram indispensável”, complementa Patrícia Souza Santos Neves, dona de um supermercado na cidade.

AUMENTO DAS DESPESAS Diesel também mais caro que a gasolina em Bonito de Minas, que tem o terceiro pior IDH de Minas: 0,537. Por conta da elevação do preço do combustível, o comerciante Geraldo Justino da Silva, dono de um supermercado, viu crescer as despesas com o frete na entrega de compras para comunidades a 42 quilômetros de distância. Nos últimos seis meses, também teve aumento de 30% nos custos com o ônibus que transporta gratuitamente parte da clientela que mora na zona rural para fazer compras no município.

“O que fazemos é uma prestação de serviços à região. Se a gente cobrar as viagens das pessoas da zona rural, elas não têm como pagar, são aposentados, recebedores do Programa Bolsa-Família (Auxílio Brasil) e trabalhadores rurais, que ganham pouco”, conta Geraldo Justino.

Na cidade, Salvador Pereira Neto, gerente de outro supermercado, reclama das altas dos combustíveis. A unidade também oferece o transporte de clientes, buscando pessoas em localidades a 45 quilômetros de distância. Mas apesar do aumento dos custos nesse tipo de benefício, ele lamenta ainda mais a recusa de transportadores para levar mercadorias que ele compra em Belo Horizonte para vender em seu estabelecimento. “É difícil encontrar caminhoneiros. Eles estão recusando as cargas por causa do preço alto do diesel, que quase dobrou nos últimos seis meses”, revelou.

ENTREGAS LIMITADAS Já em Cristália, que tem IDH de 0,583, comerciantes não tiveram alternativas. Para evitar prejuízos com a elevação do óleo diesel (R\$ 7,99 o litro), que também está mais caro que a gasolina (R\$ 7,89), o jeito foi restringir entregas para os clientes nas comunidades rurais. Dono de um supermercado, José Cleiton Rodrigues Rocha só leva até a casa do morador se a compra atinge o valor mínimo de R\$ 600. “Reduzimos pela metade para evitar prejuízos, pois o custo do transporte praticamente dobrou nos últimos seis meses”, justifica. “Toda vez que vem visitar a gente, os vendedores informam que os produtos estão mais caros”, complementa.

VENDAS EM QUEDA O comerciante Altino de Souza, proprietário de um comércio em Botumirim, reclama da queda no faturamento. “Toda vez que sobe o preço da gasolina, aumenta o preço das outras mercadorias e as vendas diminuem de forma proporcional”, conta.

Para Maria Aláide Veríssimo, dona de um pequeno supermercado no município, os sucessivos reajustes dos combustíveis, em efeito cascata, aumentam preços de outros produtos. “Sempre que a gente vende uma mercadoria, não consegue mais comprar a reposição pelo mesmo preço. Estou desanimada de continuar trabalhando”, lamentou a comerciante.

Quem comercializa roupas sente ainda mais na pele os efeitos econômicos. Que o diga Hérviro Moreira dos Santos. Ele afirma que todo reajuste dos combustíveis já é esperada a diminuição no faturamento da loja. “Quase tudo que vendemos aqui vem de fora. O reajuste dos combustíveis eleva o custo de vida. As pessoas passam a comprar somente os produtos de primeira necessidade, deixando de comprar outras coisas como roupas”, diz.

O comerciante relembra ainda que o cenário é registrado bem após os dois anos de pandemia da COVID-19, situação que já pesou demais para os negócios, principalmente os pequenos.

“

Nossa margem de lucro diminuiu. O valor do frete aumentou muito e não temos como repassar esse custo para os consumidores, pois a região é carente e as pessoas não podem pagar. Se aumentarmos os preços, a gente não consegue vender”

■ Dario Mardônio Soares de Brito, proprietário de uma loja de produtos veterinários e rações em São João das Missões



REDES SOCIAIS/IMAGIÇÃO

Em São João das Missões, o óleo diesel bateu a marca de R\$ 8,19, mais caro que a gasolina. Comerciantes sentem efeitos, que chegam também ao consumidor

Donos de postos já perdem clientes

Donos de postos de combustíveis também sentem as consequências dos reajustes dos derivados do petróleo, com queda da clientela. “Acredito que, nos últimos seis meses, tivemos uma redução de 30% nas vendas”, estima o empresário Gilvan Domingos Almeida, proprietário de um estabelecimento em Botumirim, no Norte de Minas, cidade com IDH de 0,602. Atualmente, por lá o óleo diesel está sendo comercializado a R\$ 8,05. A gasolina, R\$ 7,99.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Economia **Página:** 4 e 5